

Introdução

A expedição Franklin foi uma empreitada britânica em meados do século XIX com o objetivo de encontrar a Passagem do Noroeste e registrar informações acerca dos polos magnéticos que poderiam ser usadas como auxílio em posteriores navegações e expedições no Ártico. A sucessão de eventos que se deu desde o início da expedição até pouco antes da década de 1850, quando se iniciaram as operações de resgate, tornou-se um dos maiores mistérios dos séculos seguintes e um dos maiores desastres em explorações do tipo. Os eventos relatados nos livros de não ficção apresentam-se da seguinte forma: em 1845, *sir* John Franklin, a mando da coroa britânica, partiu numa expedição com o objetivo de encontrar e atravessar a única seção da Passagem do Noroeste – passagem marítima que ligaria o oceano Atlântico ao Pacífico – que ainda era desconhecida. A campanha exploratória que recebeu seu nome tinha a previsão de durar três anos. Apesar de ter um objetivo relativamente simples, os dois navios, *HMS Erebus* e *HMS Terror*, assim como seus 129 tripulantes, desapareceram no Ártico.

Com a escassa documentação por parte dos homens e com o testemunho Inuit do século XIX sendo desacreditado pela sociedade britânica da época, os fatos sobre a expedição e o destino dos homens permaneceram desconhecidos por muito tempo. Baseando suas narrativas nos fatos conhecidos sobre a missão exploratória de Franklin, os livros de não ficção focam no antes e no depois: antes com a escolha dos navios, comandantes e capitães, e a lista de exigências a serem seguidas pela tripulação durante o percurso, juntamente com as cartas enviadas às famílias – tudo devidamente registrado; já o depois detalha os esforços dos grupos de busca, quase uma década após o início da expedição, em que quase toda a esperança de encontrar os homens vivos havia se perdido.

O destino da expedição ainda permanece envolto em mistério e, embora tenha-se descoberto, somente na última década, a localização dos navios que foram abandonados pelos homens quando estes ficaram presos no gelo, o que realmente aconteceu com aqueles indivíduos ainda é desconhecido. Devido à falta de informações, os “espaços em branco” servirão como propulsores da especulação, criando assim as narrativas ficcionais presentes no

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. ORCID ID: 0009-0006-0587-8818. E-mail: juliacvalero20@gmail.com.

livro *O Terror*, de Dan Simmons, publicado em 2007, e a série *The Terror*, cuja primeira temporada, referente ao mistério da expedição, foi lançada em 2018.

O desconhecido e o horror

O desconhecido como fonte de horror e medo é uma concepção que pode ser encontrada em H. P. Lovecraft, em seu ensaio de 1927 intitulado *Supernatural Horror in Literature*. No primeiro capítulo dessa obra, o autor argumenta que, como os instintos humanos e suas emoções formaram as reações dos indivíduos ao ambiente em que estavam inseridos, os fenômenos que não eram compreensíveis à humanidade em seus primeiros momentos – juntamente das suas experiências até então limitadas, e com ideias consequentemente menos complexas –, foram associados a explicações fantásticas e a sensação de medo. Dessa maneira, uma vez que aceitamos a existência de esferas da realidade das quais nada sabemos e de que não participamos, o desconhecido e o imprevisível consequentemente tornaram-se para os antepassados uma fonte de calamidades.

A partir deste cenário, para Lovecraft (1973), a incerteza e o perigo estão sempre associados entre si. O desconhecido, portanto, é uma fonte poderosa de narrativas e especulações sobre o maligno, o perigoso e o mortal. Longe de focar-se somente no medo físico e no horror cotidiano, o medo provocado pelo desconhecido dá origem a um tipo específico de narrativa, em que as leis da natureza são sobrepujadas ou suspensas, abrindo então espaço para a atmosfera de terror causada por forças externas e até então ignoradas, pelo caos e por figuras de espaços não explorados. Nesse contexto, podemos reconhecer que as narrativas ficcionais – em suas formas literária ou fílmica – acerca da expedição Franklin utilizam elementos do desconhecido para construir sua atmosfera de horror.

Dentre os diversos eventos e decisões relativamente negativos que marcaram o início da expedição ártica da primeira metade do século XIX – como a comida enlatada de péssima qualidade, a relutância em escolher *sir* John Franklin como capitão da expedição e do irlandês Francis Crozier como capitão do *HMS Terror*, a adoção de um motor de locomotiva nos navios, assim como a pequena carga de carvão colocada nas embarcações, entre outras –, muito do que ocorreu com os 129 tripulantes ainda permanece um mistério, séculos depois.

A primeira prova de que os homens chegaram na região do Ártico em 1846 foi a morte de três dos marinheiros, enterrados na Ilha de Beechey antes dos demais seguirem viagem.

Para além disso – e além do contato que tiveram com navios baleeiros entre 1845 e 1846 –, o último documento da expedição, encontrado em 1859, detalha, embora muito sucintamente, o pouco que sabemos sobre o destino daqueles homens (SANDLER, 2006; BEATTIE e GEIGER, 2014; WATSON, 2017; HUTCHINSON, 2017). Embora os navios tenham recebido duzentos cilindros de metal com o objetivo de deixar mensagens e demarcar sua posição, apenas um foi encontrado (WATSON, 2017). O documento, chamado de Nota de *Victory Point*, detalha os prováveis dois últimos anos da exploração.

Escrita pela primeira vez em maio de 1847, a Nota que explicitava a situação dos navios *HMS Erebus* e *HMS Terror*, e de sua tripulação, embora presos no gelo, se mostrava positiva. A segunda inscrição, no mesmo documento, e datada abril de 1848, já pintava uma cena diferente. Os navios estavam presos no gelo há mais de um ano, e a tripulação os abandonou no final de abril. Vinte e quatro tripulantes, dentre eles oficiais – incluindo Franklin –, haviam morrido. Crozier estava encarregado da expedição e os sobreviventes estavam direcionando-se para continuar viagem à pé na direção do Back River.

A partir disso, podemos pensar em como o desconhecido e as ameaças externas – como a manifestação física da natureza, em que elementos e entidades nativas lutam contra a colonização do Ártico e de sua população indígena – foram transformados, tanto no livro quanto na série, em elementos de construção do horror e do medo. Visto que a Nota de *Victory Point* e as poucas cartas ou entradas em diários deixadas pelos participantes foram as únicas informações factuais sobre o que ocorreu na expedição – e que, no caso da Nota de *Victory Point*, essa, na segunda inscrição, contém erros que demonstram que os homens já não estavam sadios –, a ficção tem o trabalho de, a partir da especulação, construir os acontecimentos até então desconhecidos.

A especulação como horror

Ambientados, na maior parte, em 1847 e 1848, o livro *O Terror*, de Dan Simmons, e a primeira temporada da série *The Terror*, que serviu como sua adaptação fílmica, iniciam a narrativa em um ponto ainda desconhecido para os estudiosos e indivíduos que, relacionando-se com a tripulação durante sua procura da Passagem do Noroeste, tiveram relatos em primeira pessoa: o *durante* da expedição, quando os navios já haviam deixado a Inglaterra, se despedido dos últimos navios baleeiros que os viram, e antes das primeiras equipes de resgates, lançadas em meados do século XIX. Com uma tripulação de mais de cem homens,

equipamentos tecnológicos considerados os mais avançados para a época, e provisões suficientes para aproximadamente três anos de expedição, os navios, nas obras ficcionais, já se encontram presos no gelo, resultado de um ano extremamente frio.

Presos no Ártico, sem a possibilidade de retirar os navios de dentro de cumes de pressão ou de blocos de gelo que apertam os cascos das navegações, os homens, tanto no livro quanto na série, encontram-se em um ambiente hostil, que parece ser habitável por poucas formas de vida. Lutando para sobreviver com alimentos estragados e com um suprimento cada vez menor de carvão, de medicamentos e de caça, eles ainda precisam sobreviver ao clima mortal do Círculo Polar Ártico. Juntamente destes fatores, porém, as embarcações – e por consequência sua tripulação – parecem ter se tornado vítimas de um predador desconhecido, que os persegue no gelo e aparentemente os ataca aleatoriamente:

Do outro lado daquela crista de gelo baixa, vinda do acúmulo de gelo ao sul deles e desaparecendo na direção do mar a noroeste, havia pegadas totalmente impossíveis. Impossíveis porque maiores do que qualquer pegada de qualquer animal vivo da terra. Havia cinco dias os homens viam as marcas de patas de ursos-brancos na neve, e algumas eram absurdamente grandes – com trinta centímetros –, mas aquelas pegadas indistintas eram mais da metade maiores que as outras. Algumas pareciam tão compridas quanto o braço de um homem. E eram novas – não havia nenhuma dúvida disso –, porque as marcas não eram na neve velha, mas feitas na camada grossa de granizo novo.

O que havia caminhado por seu acampamento fizera isso no auge dos raios e do granizo, exatamente como Morfin dissera.

[...] Mas eram pegadas de pata de algum tipo. O dr. Harry D. S. Goodsir sabia disso. Todos os homens que caminhavam perto dele sabiam disso. Goodsir, que nunca caçara nada maior que coelho ou perdiz, sabia que aquilo não eram marcas de alguma coisa pequena jogando o corpo para a esquerda, depois para a direita, mas algo andando inicialmente com quatro patas e depois – a crer nas pegadas – quase cem metros sobre duas pernas. Naquele ponto eram pegadas de homem andando, se um homem tivesse pés do tamanho dos antebraços e pudesse cobrir quase um metro e meio entre passos sem deixar impressões de dedos, mas marcas de garras. (SIMMONS, 2017, p. 139-140)

A narrativa construída, no livro e na série, embora foque no que é desconhecido, ainda fundamenta-se nos fatos descritos pela não ficção. Dan Simmons, ao final do livro, faz referência a diversos documentos históricos e pesquisas acerca da expedição, e o mesmo acontece com David Kajganich e Soo Hugh, ao escrever a adaptação fílmica da obra do escritor. Assim, embora o livro e a série sejam narrativas ficcionais, os fatos conhecidos sobre a expedição Franklin são utilizados como elementos importantes, que aparecem nas versões literária e fílmica. Alguns desses elementos, como os esqueletos encontrados em um barco por uma das equipes de resgate (HUTCHINSON, 2017; WATSON, 2017), a autópsia feita em John Hartnell, um dos tripulantes (WATSON, 2017) e sinais de canibalismo encontrados em

ossos (BEATTIE e GEIGER, 2014) são explorados por Simmons, usando os fatos conhecidos para tentar explicá-los de maneira ficcional através da especulação.

Dessa maneira, os “espaços em branco”, deixados pela falta de documentos e registros feitos durante a expedição, são usados para construir e desenvolver os personagens, assim como a atmosfera de horror. O horror, manifestado de maneira lenta tanto na série quanto no livro, é fundamentado não somente na hostilidade do Ártico, na tensão pela falta de alimentos, nas doenças e na contaminação por chumbo, no cansaço dos exploradores e no motim ocasionado pela insatisfação com o comando de Crozier, mas também pela sensação de que todos os envolvidos, presos dentro dos navios no deserto congelado, estão sendo perseguidos por algo desconhecido pela ciência e pelas sociedades europeias. A criatura, na obra de Simmons, é referida pelos homens como “o Terror”:

– Você ouviu, Francis, que alguns dos homens, nos dois navios, estão chamando aquela criatura de o Terror?

– Não!

Crozier fica ofendido. Ele não quer o nome do seu navio usado com propósitos ruins como aquele, mesmo que os homens estejam brincando. Mas olha para os olhos castanho-esverdeados do comandante James Fitzjames e se dá conta de que o outro capitão está sério, então os homens também devem estar.

– O Terror – diz Crozier, e sente gosto de bile.

– Acham que não é um animal – diz Fitzjames. – Acreditam que sua astúcia é algo mais, é antinatural... sobrenatural... Que há um demônio lá fora no gelo, no escuro. (SIMMONS, 20147, p. 129)

Partindo do fato de que pouco é conhecido acerca da expedição enquanto os tripulantes estavam no Ártico, Simmons – e posteriormente David Kajganich e Soo Hugh, na primeira temporada da série *The Terror* – utiliza da figura do *Tuunbaq* para explicar o desaparecimento e morte dos marinheiros. Provavelmente inspirado nos *tuurngait*, da cosmogonia Inuit – ele apresenta-se como a principal ameaça aos exploradores, juntamente com a natureza e clima hostis e a doença e a desnutrição que assolam os navios e seus tripulantes. A figura de *Tuunbaq* aparece não somente como o principal antagonista do livro, como uma criatura monstruosa e aparentemente inteligente que caça os homens insistentemente, matando-os um a um, mas a criatura, que muitas vezes se confunde com um urso polar ou até mesmo com os pedaços flutuantes de gelo e os cumes de pressão que rodeiam os navios e os acampamentos dos homens, representa também um espírito ancestral da área que resiste e combate a expansão imperialista e colonizadora, em especial a britânica.

Assim, ocorrências como o frio incomum daquele ano, fato que realmente aconteceu na primeira metade do século XIX, são explicados no livro e na série como coisas fantásticas e até mesmo fantasmagóricas. Eventos climáticos tornam-se espíritos ancestrais e o inverno transforma-se em uma entidade que se esforça para combater a dominação externa vinda de homens que se consideram civilizados:

Os homens sabiam. Crozier sabia que eles sabiam. Eles sabiam que era o diabo lá fora no gelo, não um urso Ártico crescido demais.

O capitão Francis Crozier não discordava da avaliação dos homens [...], mas sabia algo que os homens não sabiam; especificamente que o diabo que tentava matá-los ali no Reino do Diabo não era apenas a coisa de pelos brancos os matando e comendo um a um, mas *tudo* ali – o frio que não cedia, o gelo que apertava, as tempestades elétricas, a assombrosa falta de focas, baleias, pássaros, morsas e animais terrestres, a interminável acumulação da banquisa, os icebergs que abriam caminho pelo mar branco sólido, não deixando atrás sequer um canal de água do tamanho de um navio, a repentina erupção de cristas de pressão como em um terremoto branco, as estrelas dançarinas, as latas de comidas malfeitas agora transformadas em veneno, os verões que não chegavam, os canais que não se abriam – *tudo*. O monstro no gelo era apenas mais uma manifestação de um diabo que os queria mortos. E que desejava que sofressem. (SIMMONS, 2017, p. 191-192)

Neste sentido, o *Tuunbaq* aparece como uma presença quase constante, sendo que sua aparência ou localização exatas muitas vezes não podem ser conhecidas. Aparecendo como uma representação física da hostilidade ártica e resistência nativa aos esforços imperialistas, ele aparece inicialmente conectado com a paisagem, confundindo-se e camuflando-se com o gelo e com a neve. Espreitando os navios ou abrindo caminho furtivamente nos espaços compartilhados pelos homens, ele não apenas mostra, segundo Simmons, o que pode ter acontecido aos tripulantes – ainda que numa versão ficcionalizada dos acontecimentos –, mas representa as forças da natureza, tentando alertar e dissuadir a expansão colonizadora da Marinha Real do Reino Unido.

De modo similar de como ocorre no livro de Simmons, até metade da série, a presença do *Tuunbaq* é um mistério tanto para os tripulantes quanto para o público. Assim como no livro que serviu de inspiração para a série, sua figura ora confunde-se com a paisagem ártica, ora com a fauna do ambiente. Sua presença, como criatura inteligente e que ativamente caça os homens da expedição, é sentida pelo medo que causa em todos, e pela desconfiança que resulta da constante vigilância dos personagens. Sua aparência, até o episódio cinco, confunde-se com a neve e a brancura do ambiente polar, e é difícil examiná-lo com clareza até mesmo quando ele aparece pela primeira vez.

Por conta disso, podemos pensar que, na série, com sua linguagem mais visual, a falta de informação e o mistério, além dos perigos do gelo e do próprio *Tuunbaq*, são representados

pela brancura. Em quase todos os episódios, desde o primeiro, os personagens estão envoltos numa brancura infinita. O gelo e a neve camuflam pessoas e animais, o céu e a terra se confundem, e as nevascas ocultam a visão de todos. O frio e a brancura – em especial esta última – servem como fonte de estranhamento e hostilidade, e já são usadas com o mesmo intuito na literatura, de Jack London a Herman Melville. Não é acidental a escolha de Simmons ao citar Moby Dick no início da obra:

Essa qualidade ilusória é o que faz a ideia de brancura, quando divorciada de associações mais gentis e associada a qualquer objeto terrível, em si, elevar aquele terror aos limites mais distantes. Vejam o urso-branco dos polos, e o tubarão-branco dos trópicos; o que, se não sua brancura suave e escamosa, faz deles os horrores transcendentais que são? Aquela brancura aterrorizante é o que transmite tal suavidade repugnante, ainda mais ofensiva que terrível, ao brilho fosco de seu aspecto. De tal modo que o tigre de presas ferozes em sua cobertura marcante não abala a coragem como o urso ou o tubarão envoltos em branco. (MELVILLE apud SIMMONS, 2017, p. 9)

Embora adapte a obra literária de Simmons para a linguagem fílmica, e embora em *The Terror* possamos identificar a mesma informação estética e tema que são observados na obra de Simmons, é importante ressaltar que a série ainda apresenta diversas diferenças com o texto que lhe serviu de inspiração. A primeira grande diferença é a cronologia. Na obra de Simmons, a cronologia variável, indo de 1847 e 1848 para 1845, antes da expedição, serve para construir o suspense e o sentimento de medo. O mesmo ocorre na série, embora apresentado de maneira diferente. A atmosfera construída, com a iluminação, a música e a reação dos personagens – que por vezes só pode ser percebida pela linguagem corporal e não por palavras ou diálogos – serve para construir o suspense e aumentar a intensidade dos eventos negativos que acontecem. Assim, embora o uso de técnicas como flashbacks sejam usadas, a cronologia apresenta-se como menos variável, demonstrando, nos dez episódios da primeira temporada, como cada ação – ou falta de ação – leva a uma consequência específica.

Simmons utiliza uma cronologia mais indefinida em sua obra *O Terror*, de 2007. Mesclando pontos de vista e relatos que variam de 1845, 1847 e 1848, o leitor consegue ter, ao mesmo tempo, um vislumbre do pensamento dos personagens e condições que possibilitaram a expedição, logo em 1845, bem como a situação já desesperadora em 1847 e 1848, em que a maioria dos tripulantes já está sofrendo de desnutrição, sem esperanças de resgate, com *sir* John Franklin morto, depois de terem abandonado os navios, e sendo caçados por uma misteriosa criatura que parece inteligente e estar em todos os lugares. Essas “interrupções” na continuidade da narração servem para garantir a sensação de um desastre prolongado. As coisas acontecem lentamente, mas aumentam de intensidade a cada evento,

fazendo com que o leitor tenha sempre em mente que algo pior irá acontecer, e que não é algo que se possa contornar.

Assim, o horror da série e do livro vem da antecipação, do suspense, e da falta de informação dos personagens. Até mesmo em cenas aparentemente cotidianas, a música de fundo da série, sempre constante, passa ao espectador a sensação de desconforto e antecipação. Aparecendo como um dos principais antagonistas do livro e da série, o *Tuunbaq*, como parte da cosmogonia Inuit, também representa, para os britânicos, o horror estranho e hostil de uma cultura diferente. Se, em relatos e obras de não ficção acerca da expedição, somente é possível descrever aquilo que é conhecido, nas obras de ficção, a especulação torna-se a principal companheira do horror. É por meio da especulação que a narrativa do gênero pode se desenvolver, aproveitando-se da falta de informações concretas sobre o que ocorreu entre 1845 e 1848. Aliado à especulação, o horror ainda se desenvolve a partir da cosmogonia local do Ártico e de sua população nativa, estranha aos britânicos, e ao medo da perda do poder colonizador e do controle sobre a natureza.

Considerações finais

A expedição Franklin, conhecida até os dias de hoje como um grande mistério do século XIX, parece ter sido condenada desde seu início. Ainda assim, os últimos dias dos tripulantes estão, séculos depois, envoltos em dúvidas e questionamentos. Embora as obras de não ficção consigam relatar somente aquilo que é conhecido e comprovado de fato, uma grande parte da expedição ainda é desconhecida. A partir disso, a obra de ficção de Simmons e a série que serve de adaptação de seu livro aparecem como tentativas de responder a esse enigma.

A cronologia dos eventos é uma das principais diferenças entre os relatos de não ficção acerca da expedição Franklin e de ficção, tanto de Simmons quanto de David Kajganich e Soo Hugh, na série de 2018. Se em relatos e estudos, a não ficção volta-se ao que aconteceu *antes* e *depois* da expedição – em especial pela falta de documentos deixados pelos indivíduos envolvidos, ou em relatos confiáveis em primeira pessoa –, as obras de ficção tendem a focar no *durante*. Esse durante, como consequência da falta de informações factuais abundantes, é puramente especulativo. Podemos perceber, também, que a direção que esta especulação toma irá depender do gênero literário. No caso de *O Terror* e *The Terror*, a história especulativa é construída tendo como base elementos do horror.

Assim, a ausência de muitos relatos em primeira pessoa ou de documentos abre espaço para que a especulação tome forma, nas narrativas ficcionais. Utilizando-se da mitologia Inuit, da hostilidade do clima ártico, e do mistério acerca da expedição Franklin – exploração que levou consigo 129 homens e que desapareceu quase sem deixar rastros –, Simmons constrói sua narrativa de horror explorando a questão: o que aconteceu no Ártico? Embora utilize fontes não ficcionais como fundamentação teórica de sua obra, sua explicação acerca do que ocorreu com os mais de cem homens baseia-se principalmente na especulação. De forma similar, a adaptação fílmica da obra de Simmons, a série *The Terror*, explora as possibilidades do que pode ter acontecido com a tripulação, utilizando para isso elementos sobrenaturais e o gênero do horror.

REFERÊNCIAS

BEATTIE, Owen; GEIGER, John. **Frozen in Time: The Fate of the Franklin Expedition**. Vancouver: Greystone Books, 2014.

HUTCHINSON, Gillian. **Sir John Franklin's Erebus and Terror Expedition: Lost and Found**. Londres: Adlard Coles, 2017.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **Supernatural Horror in Literature**. Nova Iorque: Dover Publications, 1973.

SANDLER, Martin W. **Resolute**. The Epic Search for the Northwest Passage and John Franklin, and the Discovery of the Queen's Ghost Ship. Nova Iorque: Sterling Publishing, 2006.

SIMMONS, Dan. **O Terror**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

THE Terror [Seriado]. Direção: Edward Berger. Produção: David Kajganich e Soo Hugh. Estados Unidos: AMC, 2018-. son., color.

WATSON, Paul. **Ice Ghosts – The Epic Hunt for the Lost Franklin Expedition**. Nova York: W. W. Norton & Company, 2017.